

Recensão

My Dark Vanessa, de Kate Elizabeth Russell¹

João de Mancelos

(Universidade da Beira Interior/Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da UA)

Palavras-chave: Kate Elizabeth Russell, pedofilia, trauma, memória

Keywords: Kate Elizabeth Russell, paedophilia, abuse, trauma, memory

My Dark Vanessa, o romance de estreia da autora norte-americana Kate Elizabeth Russell, é um livro pertinente numa era em que as vítimas de abusos sexuais são encorajadas a denunciar os pedófilos responsáveis por lhes terem roubado a infância ou a adolescência. Esta história, contada com recurso à narrativa autodiegética, aborda o poder maligno da manipulação, o trauma da memória e a dificuldade em ultrapassar relações tóxicas.

O enredo centra-se no laço proibido entre Vanessa Wye, uma jovem de quinze anos, e o seu professor de Literatura, Jacob Strane, um homem de quarenta e dois. O namoro, ocorrido em Browick, um internato de elite, no ano 2000, dura apenas um semestre, até ser exposto pelos colegas de turma de Vanessa. Caída em desgraça, a adolescente perde o respeito da mãe, é alvo da humilhação dos seus pares e muda de escola. São passos numa *via crucis*, que a jovem aceita, cabisbaixa e silenciosa, em nome do primeiro amor.

No entanto, dezassete anos mais tarde, Vanessa depara-se com uma publicação no Facebook feita por Taylor Birch, ex-aluna de Browick, acusando Strane de abusos sexuais. O “post” polémico surge no espírito de movimentos como o #MeToo, visando denunciar casos semelhantes:

For the past months, something’s been gaining momentum, a wave of women outing men as harassers, assaulters. It’s mostly celebrities who have been targeted — musicians, politicians, movie stars — but less famous men have been named, too. No matter their background, the accused go through the same steps. First, they deny everything. Then, as it becomes clear the din of accusations isn’t going away, they resign from their jobs in disgrace and issue a statement of vague apology that falls short of admitting wrongdoing. Then, the final step: they go silent and disappear. (Russell, 2020: 3)

A denúncia do Facebook leva Vanessa a questiona-se: será que o seu primeiro amor,

¹ Mancelos, João de. “Recensão a *My Dark Vanessa*, de Kate Elizabeth Russell”. *Polissema* (Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Instituto Politécnico do Porto) 20 (2020): 191-196. ISSN: 1645-1937.

aparentemente belo, foi, afinal, um abuso? Ou será que Birch mente, procurando atenção? A incerteza obriga a protagonista a reapreciar as suas memórias, agora à luz de uma torrente de revelações.

Nas próximas páginas, analiso as três principais estratégias seguidas pela autora para construir o romance psicológico em apreço: alternância entre o passado e o presente; suspense progressivo, através de indícios e pistas; recurso à narradora autodiegética não fiável. No sentido de escorar o meu estudo, cito exemplos dos principais passos do enredo e comento-os.

Para se apreciar a complexidade de *My Dark Vanessa*, é necessário ver os acontecimentos numa dupla perspetiva: por um lado, a de Vanessa aos quinze anos, uma jovem inexperiente e sonhadora, descobrindo o amor graças a um homem mais velho; por outro, a de Vanessa aos trinta e dois, uma empregada de hotel sem projetos e sem namorado, dependente da bebida. Neste âmbito, o enredo alterna sobretudo entre o tempo atual da história, 2017, e a época em que decorreu o namoro proibido com Strane, no ano 2000, construindo, assim, a *syuzhet*. Tal estratégia narrativa revela-se eficaz: ao mesmo tempo que Vanessa reinterpreta o passado, também o leitor vai construindo a sua opinião acerca dos eventos.

Como num livro policial, surgem, *a pari passu*, pistas e indícios sugerindo o poder manipulador de Strane sobre a jovem Vanessa. Centrar-me-ei apenas nalguns pontos-chave do enredo, reveladores da mestria da autora para construir uma narrativa tensa. No início, a relação não difere das estereotipadas paixonetas entre estudantes e professores, regra geral não correspondidas e, portanto, inócuas. A princípio, Strane segue uma estratégia de sedução cautelosa, que não o compromete, nem parece inapropriada aos olhos da jovem. Ergue Vanessa num pedestal, elogia-lhe o talento para a escrita e sugere que ambos são almas gémeas:

It wasn't about how young I was, not for him. Above everything else, he loved my mind. He said I had genius-level emotional intelligence and that I wrote like a prodigy, that he could talk to me, confide in me. Lurking deep within me, he said, was a dark romanticism, the same kind he saw within myself. No one had ever understood that dark part of him until I came along. (Russell, 2020: 5)

A paixão de Vanessa por Strane é platónica e alicerçada na partilha de gostos literários comuns. Pelo contrário, progressivamente, o professor envolve a jovem numa fantasia perversa, sem consideração pela sua idade ou sentimentos. Num passo importante do enredo, Strane empresta-lhe o romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov — uma referência intertextual recorrente no livro em análise. Strane pretende atribuir a si o papel de Humbert, o predador, e dá à jovem o lugar de Dolores, a ninfeta, numa relação próxima à pedofilia:

In the evenings I read *Lolita* in bed, mindlessly eating my way through a sleeve of saltiness and propping up a pillow to hide the cover in case my parents open my bedroom door. While wind rattles the windowpane, I turn the pages and feel a slow burn within me, hot coals, deep red embers. It isn't only the plot, it's the story of a seemingly ordinary girl who is really a deadly demon in disguise and the man who loves her. It's that he gave to me. There's now a whole new context to what we're doing, new insight into what he might want from me. (Russell, 2020: 74)

Na mesma linha, citando outro livro de Nabokov, *Pale Fire*, Strane chama-lhe “my dark Vanessa”, título plenamente conseguido para este romance (Russell, 2020: 280). Contudo, Vanessa não se encaixa no papel de Lolita, a não ser na fantasia caprichosa do seu professor: de facto, não pretende seduzir, mas amar; não faz do sexo o seu objetivo, mas encara-o como parte de um namoro; não ambiciona uma relação descartável, mas algo duradouro.

A prova disso ocorre noutro passo marcante da história, quando Vanessa perde a virgindade com o professor. A jovem acalenta os sonhos românticos e os receios próprios da idade; já Strane pretende apenas satisfazer o desejo, de forma quase brutal. Quando Vanessa chora, ele promete parar, mas ilude-a e prossegue, despidoradamente. Receosa de lhe desagradar, a jovem oculta o asco:

(...) I should tell him I didn't like being woken up by him hard and practically pushing into me. That I wasn't ready to have sex this way. That it felt forced. But I'm not brave enough to say any of this — not even that I feel sick to my stomach when I think about him guiding my hand to his penis and don't understand why he didn't stop when I started to cry. That the thought *I want to go home* ran through my head the entire time we first did it. (Russell, 2020: 104)

A relação proibida é exposta pelos colegas de turma, através de um abaixo-assinado. Mais uma vez, a autora ilustra de forma brilhante o poder manipulador, mas velado, de Strane: a pretexto de proteger ambos, a jovem é persuadida pelo professor a confessar que o namoro nunca existiu, tratando-se apenas de uma fantasia romântica sua; consequentemente, admite ter lesado a reputação de Strane e aceita toda a culpa. Num passo a recordar a exposição de Hester Prynne no palanque, em *The Scarlet Letter* (1850), de Nathaniel Hawthorne, a adolescente submete-se a um humilhante interrogatório público:

The next morning, the twenty-six people on Jenny's list meet in Mr. Sheldon's classroom. There aren't enough desks for everyone, so some kids lean against the back wall. I can't tell who's there; I only see faces bobbing and swaying, an ocean of buoys. Mrs. Giles has me stand next to her at the front of the room while I read the statement Strane and I came up with the night before: “Any inappropriate rumors you might have heard about Mr. Strane and I are not true. I spread lies about him, which he did not deserve. I'm sorry for being

deceitful.” (Russell, 2020: 180)

Um leitor atento não deixará de colocar esta questão: por que pactuou Vanessa com Strane, ao ponto de assumir a culpa? Pergunto de outra forma: poderá uma menina inexperiente e apaixonada distinguir um namoro de um abuso, sobretudo quando este é perpetrado por um manipulador, capaz de romantizar até os atos mais inusitados? A posição de Vanessa é custosa: admitir o abuso significaria demolir o seu primeiro amor; reduzir a autoimagem de rapariga suscetível de seduzir um homem à de vítima; questionar os limites do consentimento. Dezassete anos depois do namoro, a protagonista vive ainda em negação e hesita em classificar de abusivo o relacionamento com Strane:

Because even if I sometimes use the word *abuse* to describe certain things that were done to me, in someone else’s mouth the word turns ugly and absolute. It swallows up everything that happened. It swallows me and all the times that I wanted it, begged for it. (Russell, 2020: 51)

Para acentuar a ambiguidade das memórias e reforçar a tensão, Russell optou — quanto a mim, muito bem — por recorrer a uma narradora não fiável. De facto, a credibilidade de Vanessa encontra-se comprometida pela sua paixão. Poderá ela, um dia, percecionar os eventos da adolescência da forma objetiva? Saberá reinterpretar as memórias, escutando a opinião de amigos e familiares? Conseguirá assumir-se como uma vítima e libertar-se da relação tóxica? Este conflito interior concede dimensão e interesse à protagonista e gera suspense no enredo. Neste contexto, recordo que Strane, o apelido do amado, se pronuncia como “strain”, termo inglês para “tensão” ou “esforço”.

Desengane-se o leitor que espera deste livro uma mera história de pedofilia ou uma atualização da narrativa de Nabokov. Acima de tudo, *My Dark Vanessa* é um romance psicológico sombrio, com personagens modeladas, em permanente tensão. Ficcionalmente, estas páginas expõem o poder dos manipuladores, encarnados por Strane, e advertem as vítimas, como Vanessa, para o perigo de romantizar os abusos, em vez de os denunciar. Numa sociedade onde jovens, sobretudo do sexo feminino, continuam a ser alvo de assédio por parte de indivíduos ou instituições, esta narrativa constitui não só um motivo de reflexão, mas também um poderoso grito de alerta acerca de histórias românticas que, na verdade, são de terror.

Ref.^a: Russell, Kate Elizabeth. *My Dark Vanessa*. New York: William Morrow, 2020.

Resumo

Nesta recensão, analiso o romance *My Dark Vanessa*, da escritora norte-americana Kate Elizabeth Russell, focando estratégias narrativas como o uso do suspense, o recurso à narradora não fiável, a alternância cronológica entre passado e presente. Para escorar o meu estudo, cito exemplos dos principais passos do enredo e comento-os.

Abstract

In this review, I analyze the novel *My Dark Vanessa*, by North American author Kate Elizabeth Russell, focusing on narrative strategies like the use of suspense, the resort to an unreliable narrator, the chronological alternance between past and present. To substantiate my study, I quote examples taken from the main steps of the plot and I comment upon them.